

DIFERENÇAS ENTRE DISTÚRBO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E EMOCIONAL DO ALUNO

Maria Romilde Ribeiro MORI¹
 Andréa Aparecida Ferreira MENEZES²
 Fabiana Martins da SILVA³
 Geane Faria DOURADO⁴
 Reisana Maria BONFIM⁵

RESUMO

O fracasso escolar é uma realidade visível e um desafio a ser vencido, tanto pela comunidade como pelos pais e educadores no ambiente escolar. Dentre os diversos motivos que levam os alunos ao fracasso, estão os distúrbios de aprendizagem e a dificuldade de aprendizagem, que precisam ser identificados, diferenciados e tratados de maneira independente, pois são situações completamente distintas, posto que o distúrbio pode ter raízes em fatores linguístico-cognitivos enquanto a dificuldade de aprendizagem geralmente leva a um questionamento do método pedagógico empregado no ensino. O objetivo deste trabalho foi realizar uma reflexão a respeito dos aspectos acadêmicos e emocionais dos distúrbios de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, a partir de uma compreensão destes distúrbios como manifestações diante de alterações não só orgânicas como também nas relações interpessoais e processos emocionais, além de explicar as diferenças entre distúrbio e dificuldade de aprendizagem. Também foi objetivo do trabalho ressaltar a importância do papel do docente na identificação dos distúrbios de aprendizagem, as estratégias e metodologias que devem ser adotadas pelo professor para desenvolver as habilidades acadêmicas e emocionais do estudante. Observa-se, então, que o estudo dos distúrbios de aprendizagem constitui-se num campo amplo e complexo, envolvendo determinantes sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e médicos, sendo necessária uma visão global do problema de aprendizagem para melhor avaliar e compreender os vários fatores envolvidos.

Palavras-chave: Distúrbio. Aprendizagem. Educador. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

É notório e crescente o número de crianças (dentro da realidade de fracasso escolar) que apresentam dificuldade no aprendizado da leitura e escrita. Entre as causas, encontram-se os distúrbios de aprendizagem (que é diferente de dificuldade de aprendizagem) e o distúrbio

¹ Psicopedagoga, Professora e Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica a Docência – PIBID/FUNEC na Escola Elizabeth M. Cavaretto de Almeida, romildemori@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia, Bolsista PIBID, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC, andrea-menezes12@hotmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia, Bolsista PIBID, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC, f.martins06@hotmail.com

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia, Bolsista PIBID, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC, geane.f.d@hotmail.com

⁵ Graduanda do curso de Pedagogia, Bolsista PIBID, Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC, reisanabonfim@hotmail.com

específico de leitura. Assim, é importante que se entenda o que cada terminologia diagnóstica significa no que diz respeito a habilidades linguística e cognitivas. Desta forma, ao serem identificados os problemas, pode-se realmente detectar se a causa está nas dificuldades linguístico-cognitivas que o escolar apresenta ou se o problema está na prática pedagógica do professor.

Ao evidenciar a presença de problemas específicos de aprendizagem em sala de aula, deve-se levar em consideração que tanto o distúrbio de leitura como o distúrbio de aprendizagem têm em comum o fato de serem alterações nos componentes da linguagem. Quanto maior o número de componentes alterados da linguagem, maior será o comprometimento linguístico-cognitivo que estes escolares apresentarão.

Sendo assim, o professor possui papel fundamental no diagnóstico dos alunos com distúrbio de aprendizagem, pois, muitas vezes, crianças com essa problemática recebem estigmas ou atitudes equivocadas referentes às suas ações na sala de aula.

O diagnóstico de um distúrbio de aprendizagem não é tão simples de se fazer, visto que é necessário livrar-se das possibilidades de que fatores psicopedagógicos e condição sócio-econômica e familiar não estejam causando falhas no desenvolvimento escolar do aluno. O professor, por sua vez, tem atuação determinante, já que, sabe-se que tais problemas aparecem em crianças com idade pré-escolar e escolar, sendo a sala de aula um local propício para se identificarem os distúrbios ou dificuldades de aprendizagem.

Portanto, ter conhecimento sobre dificuldades e distúrbios de aprendizagem pode ajudar o professor, pois este é o intermediário junto aos pais nos serviços de saúde. Muitas crianças não apresentam causas orgânicas que justifiquem um distúrbio de aprendizagem, as quais muitas vezes são rotuladas e que, em sua maioria, os problemas apenas se devem à dificuldade de caráter pedagógico.

Pensando em tudo isso, esse artigo propõe diferenciar distúrbios de dificuldade de aprendizagem, bem como apontar as consequências afetivas que os distúrbios e as dificuldades de aprendizagem podem provocar no aluno e, ainda discutir o papel do docente no processo de aprendizagem, além das medidas que o educador deve adotar ou evitar em sala de aula

DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Há certa confusão ao descrever a diferença entre esses dois termos. O termo distúrbio de aprendizagem aparece na literatura como sinônimo de dificuldade escolar, problema de aprendizagem, dificuldade de aprendizagem e, até mesmo, pela tradução errada do termo em inglês “learning disabilities” (CIASCA, 2000).

Existem diversas definições para distúrbios de aprendizagem devido ao avanço e descobrimento nas áreas de Pedagogia, Neurologia, Psicologia e Assistência, visando uma reformulação de conceitos, com o objetivo de se obter uma linguagem coesa para o diagnóstico, tratamento e remediação (CIASCA, 2000).

Ao se procurar a definição de distúrbio no dicionário, encontram-se os seguintes significados: perturbação orgânica ou social, dificuldade, caráter de difícil, aquilo que é obstáculo, óbice, situação crítica. Já o significado encontrado para aprender é: tomar conhecimento de algo, retê-lo na memória graças a estudo, observação, experiência, etc.

Não é objetivo deste artigo discutir a questão aprofundada da aprendizagem, porém não é possível deixar de citá-la, pois está envolvida neste processo. É uma palavra cotidiana, que apresenta variações de significados, dependendo do contexto.

Aprendizagem é uma atividade individual que se desenvolve dentro de um sistema único e contínuo, operando sobre todos os dados recebidos e tornando-os revestidos de significado. Este ato não é limitado à intenção ou ao esforço para reter itens ou habilidades deliberadamente repetidas de momento a momento, no grau de abstração e com o transcorrer da idade (CIASCA, 2004).

Para aprender, são necessários elementos de comunicação: a mensagem, o receptor e o ambiente, interagindo um com o outro, onde, na falha de um deles gera-se um problema. Além disso, também é necessária uma série de pré-requisitos: motricidade, integração sensorio-motora, habilidades perceptivo-motoras, desenvolvimento da linguagem, habilidades conceituais e sociais (DROUET, 2003).

Desta forma, existe a possibilidade das dificuldades aparecerem naquele aluno que não estava capacitado no desenvolvimento de questões iniciais, pré-requisitos para o começo da alfabetização, da aprendizagem mais complexa onde a preocupação é maior no processo da socialização, do lúdico e do início das regras sociais.

No entanto, quando se trata de distúrbio de aprendizagem, da dificuldade ou da incapacidade de aprender por algum motivo que seja orgânico, isso também constitui um

problema dentro do processo de ensino-aprendizagem, pois há um obstáculo nesse processo (DROUET, 2003).

Distúrbio de aprendizagem é como uma perturbação no ato de aprender, isto é, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação e transformação, seja por vias internas ou externas ao indivíduo (CIASCA, 2000). Está relacionado com alguma disfunção do Sistema Nervoso Central, onde há uma defasagem no processo de aquisição do conhecimento ou do desenvolvimento cognitivo, tendo, portanto, caráter funcional. Sendo assim, um distúrbio não caracteriza uma ausência de capacidade, mas sim uma perturbação dentro de um processo e qualquer distúrbio implica em uma perturbação na aquisição, utilização e armazenamento de informações, ou na habilidade de soluções de problemas (CIASCA; ROSSINI, 2000).

Diferentemente de dificuldade escolar ou de aprendizagem, que está relacionada especificamente a um problema de ordem e origem pedagógica, um distúrbio de aprendizagem envolve situações orgânicas que impedem o indivíduo de aprender. A dificuldade de aprendizagem está relacionada a fatores internos que se somam aos fatores ambientais como, por exemplo, fatores emocionais, familiares, sociais, motivacionais, relação professor-aluno, programas escolares inadequados, entre outros (CIASCA, 2004).

Os distúrbios de aprendizagem se classificam de duas formas: verbais e não verbais. Os verbais estão relacionados com as dificuldades nas habilidades em ler e escrever, que são as dislexias. Há três subtipos de dislexias: a disfonética (indivíduos que leem as palavras conhecidas, mas têm dificuldades com as palavras novas, há troca de letras); deseidética (apresentam leitura lenta, com dificuldades em palavras irregulares) e a mista (abrange os dois tipos anteriores) (GALABURDA; CESTNICK, 2003). Os distúrbios não verbais estão relacionados aos problemas visoespacial e incapacidade para compreender o significado do contexto social. Seus portadores apresentam dificuldades na percepção tátil e visual, habilidades de coordenação motora, destreza, dificuldades em lidar com situações novas, acarretando em dificuldades acadêmicas e sociais (PESTUN et al., 2002). Apresentam boa memória auditiva e boa estrutura de linguagem e inteligência normal, sem déficits sensoriais sem problemas físicos e emocionais significativos (GARCIA-NONELL et al., 2006).

Quanto ao comportamento, há alguns autores que apontam problemas como, por exemplo, no caso da dislexia, onde a criança pode apresentar um prejuízo tanto nas relações com a aprendizagem, como uma limitação na capacidade de comunicar desejos, necessidades, afetos e fazer planos (CASTRO-REBOLLEDO et al., 2004).

E, quanto aos que apresentam distúrbios não verbais, são crianças consideradas pelos professores como problemáticas, mal educadas e imaturas, e os familiares as consideram crianças com vocabulário de adulto (vocabulário precoce e rico), mas com dificuldades sociais (PESTUN et al., 2002).

De qualquer forma, tanto os distúrbios quanto as dificuldades geram problemas escolares, com os professores, com a aprendizagem e, por estes motivos, identificar o tipo de problemática é de extrema importância para que possa ser traçado, pelo professor, o processo correto de intervenção, evitando rótulos, estigmas e exclusão do escolar, proporcionando novas relações entre o aprender, o aluno e a escola.

Consequências afetivas e o papel do professor

Segundo o “DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1995), desmoralização e baixa autoestima podem estar associados às dificuldades de aprendizagem e influenciarão progresso dos escolares com distúrbio de aprendizagem. A criança com dificuldade de aprendizagem muitas vezes é rotulada, sendo chamada de perturbada, incapaz ou retardada. As emoções envolvidas neste processo incluem desde sentimentos de inferioridade, frustração e perturbação emocional, até problemas de autoestima e depressão, dependendo é claro, da forma como suas dificuldades são vistas também pelos pais e professores (SOUZA, 1996).

Se o clima dominante no lar é um clima tenso, provavelmente esta criança, que já apresenta algumas dificuldades em relação à sua aprendizagem, também se tornará uma criança tensa. Assim, pode ainda ter propensão a aumentar a proporção dos seus fracassos, entrando num ciclo vicioso, em que quanto mais fracassa, mais tensa fica e quanto mais tensa fica, mais fracassa (SOUZA, 1996).

Por outro lado, se o clima emocional do lar é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com seus sentimentos, positivos ou negativos, livremente, e poderá estar mais apta a lidar com suas dificuldades, por encará-las com certa normalidade e como um obstáculo transitório a ser vencido. Esta segunda forma de encarar os problemas da criança deveria ser adotada também pelos professores e profissionais – sejam eles médicos, psicólogos, psicopedagogos ou fonoaudiólogos - que irão lidar com esta criança, buscando sempre conceber as dificuldades dentro de uma perspectiva da normalidade e não de uma perspectiva “rotulante” que pouco contribui para a superação, mas ao contrário, contribui para a baixa autoestima, o desânimo e a desistência do escolar. Além dos aspectos

emocionais, devem ser abordados também os aspectos de conduta presentes nas crianças com distúrbio ou dificuldade de aprendizagem (SOUZA, 1996).

Cerca de 40% das crianças e adolescentes que apresentam problemas de aprendizagem acabam se evadindo do contexto escolar (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1995). E quanto àqueles que não conseguem ou não podem fugir deste contexto tão aversivo, restam outras formas de se rebelar contra este sistema, seja de uma maneira mais ativa, agredindo estes professores e colegas, ou fazendo bagunça, já que o conteúdo da aula em si não chama sua atenção, seja de forma mais passiva, negando-se a realizar as atividades e a prestar atenção às aulas, ou faltando e chegando atrasados à escola. É neste momento que o professor deve adotar medidas para evitar comportamentos inadequados por parte dos alunos.

A primeira medida a ser adotada é buscar olhar através dos comportamentos e sentimentos inadequados desta criança ou adolescente, na tentativa de identificar quais os aspectos que estão subjacentes a esta revolta. E assim, uma vez identificada a dificuldade ou o distúrbio de aprendizagem apresentada por esta criança que levaram ao início de todo este processo, é preciso culminar com a terapêutica adequada a cada caso.

As estratégias abaixo são sugestões retiradas de Rochaël (2009), que constituem apenas algumas diretrizes no contato com crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem. Contudo, não constituem “receitas prontas”, mas ao contrário, estão abertas à adaptação e reformulação por parte do professor, de acordo com o conhecimento que tem da criança ou adolescente em questão, e de sua própria vivência em sala de aula. Assim, seguem abaixo tais estratégias, enquanto atitudes a serem evitadas ou adotadas pelo professor em sala de aula.

Atitudes a serem evitadas pelo professor:

- Ressaltar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais;
- Mostrar impaciência com a dificuldade expressada pela criança ou interrompê-la várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ela quer dizer completando sua fala;
- Corrigir o aluno frequentemente diante da turma;
- Ignorar a criança em sua dificuldade (ROCHAEL, 2009).

Atitudes a serem adotadas pelo professor:

- Não forçar o aluno a fazer as lições quando estiver nervoso por não ter conseguido;
- Explicar a ele suas dificuldades e dizer que está ali para ajudá-lo sempre que precisar;
- Evitar que o aluno se sinta inferior;
- Considerar o problema de maneira serena e objetiva;

- Avaliar o desempenho do aluno pela qualidade de seu trabalho;
- Propor jogos na sala;
- Não corrigir as lições com canetas vermelhas ou lápis;
- Usar situações concretas, nos problemas (ROCHAEL, 2009).

Portanto, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

CONCLUSÃO

O distúrbio de aprendizagem pode ter origem em problemas físicos (neurológicos), psíquicos e emocionais. O clima familiar, a falta de estímulo ou a inadaptação do aluno à escola também influenciam no desempenho das crianças, podendo provocar desinteresse passageiro pelos estudos, trazendo prejuízos ao rendimento escolar.

O professor/educador precisa do apoio dos demais profissionais envolvidos para diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem, pois somente conhecendo o ser humano em sua natureza própria, nas relações entre seus membros constitutivos e o mundo, é que se pode conseguir uma aproximação com a criança.

O estudo dos distúrbios de aprendizagem constitui-se num campo amplo e complexo, envolvendo determinantes sociais, culturais, pedagógicas, psicológicas e médicas. Assim, torna-se necessário ter uma visão global do problema de aprendizagem para melhor avaliar e compreender os vários fatores envolvidos.

Há crianças que apresentam inteligência normal e até superior, mas as atitudes emocionais conflitivas ou as tensões emocionais vindas das mais variadas circunstâncias da vida são suficientes para acarretar as dificuldades na aprendizagem.

Algumas crianças matriculadas na escola não apresentam os pré-requisitos básicos para a sua alfabetização, isto é, possuem problemas (de alguma ordem) que as impedem de acompanhar o ritmo da classe. Os alunos são realmente diferentes em suas características e

potencialidades. Desta forma, a escola deve então se ajustar a eles para lhes propiciar maior desempenho.

Deve-se garantir aos professores o domínio daquilo que ensinam, sem descuidar de habilitá-los para o manejo adequado da classe, para a seleção de métodos e procedimentos de ensino.

Os problemas físicos e neurológicos também devem ser tratados e são percebidos nos primeiros anos de ensino fundamental. Os professores devem estar trabalhando nisso também, pois, não havendo nenhuma causa orgânica, a dificuldade pode ter origem psíquica.

Acredita-se que as crianças com problemas e distúrbios de aprendizagem constituem um desafio em matéria de diagnóstico e educação. No entanto, não é raro encontrar educadores, que consideram, à priori, alguns alunos preguiçosos e desinteressados. Essa atitude não só rotula o aluno, como também esconde a prática docente do professor, que atribui ao aluno certos adjetivos por falta de conhecimento sobre o assunto em questão. Muitos desses professores desconhecem, por completo, que essas mesmas crianças podem apresentar algum problema de aprendizagem, de ordem orgânica, psicológica, social ou outra. Enfim, são tantas as variáveis, que é imprescindível ao professor, antes de rotular os seus alunos, conhecer os problemas mais comuns no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, conseguirá ampliar o seu horizonte de reflexão e, conseqüentemente, também as suas percepções e a visão do todo.

DIFFERENCES BETWEEN DISORDER AND LEARNING DIFFICULTY AND THE TEACHER'S ROLE IN ACADEMIC DEVELOPMENT AND EMOTIONAL OF THE STUDENT

ABSTRACT

School failure is a visible reality and it is a challenge to be overcome both by the community as parents and educators in the school environment. The learning disorder and learning difficulties are among several reasons which lead students to failure. They need to be identified, differentiated and treated independently, as they are situations completely different, since the disorder may be rooted in linguistic and cognitive factors, while learning difficulty often leads to a questioning of the pedagogical method used for teaching. In this way, the aim of this work was a reflection on the academic and emotional aspects of learning disorders and learning disabilities, from an understanding of these disorders as manifestations before changes not only organic but also in interpersonal relationships and emotional processes and to explain the differences between learning disorder and learning disability. Also, it was the objective of this study to highlight the important role of the teachers in the identification of learning disorders and the strategies that should be adopted by the teacher to develop the academic and emotional skills of the student. Then, it is observed that the study of learning disorders constitutes a broad and complex field, involving social, cultural, educational,

psychological and medical determinants. Thus, it becomes necessary to have a global view of the problem of learning to better evaluate and understand the various factors involved.

Keywords: Disorder. Learning. Educator. Development.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de estatística e diagnóstico de transtornos mentais** (DSM IV). 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTRO-REBOLLEDO, R. et al. Transtorno específico del desarrollo del lenguaje: una aproximación teórica a su diagnóstico, etiología y manifestaciones clínicas. **Revista de Neurologia**, v.39, n.12, p.1173-81, 2004.

CIASCA, S. M. **Diagnósticos dos distúrbios de aprendizagem em crianças:** uma análise de uma prática interdisciplinar. 2000. X f. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2000.

CIASCA, S. M. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem:** uma questão de nomenclatura. In: _____. Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004, p. 19-31.

CIASCA, S. M., ROSSINI, S. D. R. Distúrbios de aprendizagem: mudanças ou não? Correlação de dados de uma década de atendimento. **Temas sobre desenvolvimento**, v.8, n.48, p.11-16, 2000.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. 4. ed. São Paulo; 2003.

GARCIA-NONELL, C.; RIGAU-RATERA, E.; ARTIGAS-PALLARÉS, J. Perfil neurocognitivo del transtorno de aprendizaje no verbal. **Revista de Neurologia**, v.43, n.5, p.268-74, 2006.

GALABURDA, A. M.; CESTNICK, L. Dislexia del desarrollo. **Revista de Neurologia**, v.36, supl.11, p.S3-S9, 2003.

PESTUN, M. S. V.; CIASCA, S.; GONÇALVES, V. M. G. A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v.60, n.2-A, p.328-32, 2002.

ROCHAEL, L. **Distúrbios de aprendizagem**. 12 abr. 2009. Disponível em: <<http://psicologiaeducacao.wordpress.com/2009/04/12/disturbios-de-aprendizagem-2/>>. Acesso em: 30 set. 2014.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem:** crianças de 8 a 11 anos. Bauru: EDUSC, 1996.

Recebido em 06 de outubro de 2014.
Aceito para publicação em 04 de março de 2015.